

DO DESLOCAMENTO À ADAPTAÇÃO: EXPERIÊNCIAS DE ESTUDANTES FORA DOS SEUS TERRITÓRIOS

FROM DISPLACEMENT TO ADAPTATION: STUDENTS' EXPERIENCES OUTSIDE THEIR HOMELANDS

Ihelen Cristina Cesário de Torres¹
Universidade Federal do Tocantins

Lenilda Damasceno Perpétuo²
Universidade Federal do Cariri

Darlíane Silva do Amaral³
Universidade Federal do Tocantins

RESUMO

Esta pesquisa de cunho social e caráter qualitativo é fruto de indagações da pesquisadora, que também enfrentou desafios no espaço acadêmico por estar fora do seu território de origem. Tendo como questão-problema: quais desafios são enfrentados pelos estudantes que vêm de outros territórios ao adentrar o espaço da universidade? Como objetivo geral, analisar quais os desafios enfrentados pelos estudantes advindos de outros territórios ao ingressarem na UFT, Campus de Arraias. Como objetivos específicos: conhecer a trajetória da pesquisadora e seus desafios; investigar as percepções dos estudantes oriundos de outros territórios acerca da experiência acadêmica da UFT, campus Arraias; e analisar os dados e os conteúdos na perspectiva de trazer à tona a realidade dos estudantes fora dos seus territórios. Este trabalho se justifica pela curiosidade e inquietação em compreender e investigar as vivências dos estudantes provenientes de outros territórios, trazendo à tona elementos para a reflexão sobre as questões relativas aos processos de adaptação dos estudantes fora de seus territórios. O principal foco é tomar conhecimento das experiências que vivenciaram durante seu período de adaptação à vida acadêmica e pessoal.

Palavras-chave: Universidade; Desafios; Juventudes em Trânsito; Território.

ABSTRACT

This social and qualitative research is the result of questions from the researcher, who also faced challenges in the academic space due to being outside her home territory. The question-problem is: what challenges do students who come from other territories face when entering the university space? The general objective is to analyze the challenges faced by students from other territories when entering UFT, Arraias Campus. The specific objectives are: to learn about the researcher's trajectory and her challenges; to investigate the perceptions of students from other territories about the academic experience at UFT, Arraias campus; and to analyze the data and content with a view to bringing to light the reality of students outside their territories. This work is justified by the curiosity and concern to understand and investigate the experiences of students from other territories, bringing to light elements

¹ Graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Campus de Arraias, Tocantins. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2205169141847848> E-mail: ihelen.torres@mail.uft.edu.br.

² Doutora pela Universidade de Brasília (UnB). Professora adjunta da Universidade Federal do Cariri (UFCA). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7350041008290094> E-mail: darliane.amaral@ufca.edu.br

³ Doutora pela Universidade de Brasília (UnB). Professora substituta do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins Campus de Arraias/TO. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0705673074010046> E-mail: lenilda.perpetuo@uft.edu.br

for reflection on issues related to the processes of adaptation of students outside their territories. The main focus is to learn about the experiences they had during their period of adaptation to academic and personal life.

Keywords/Palabras clave: University; Challenges; Youth in Transit; Territory.

INTRODUÇÃO

Na perspectiva freiriana, os sujeitos são seres inconclusos por isso estão em constante movimento, escrevendo e lendo o mundo a todo momento pois segundo o autor a inconclusão é permanente. (FREIRE, 2014). Paulo Freire (2014), nos convida a pensar na capacidade permanente de construção e desconstrução dos sujeitos. Além disso, nos traz à reflexão que os processos de desenvolvimento que nos possibilitam aprendizados nos fazem compreender o movimento de “estar sendo”. Isso nos coloca na condição de seres inconclusos. Trazendo Paulo Freire para dialogar conosco acerca da constante inconclusão dos seres em busca de conhecimentos, saberes e fazeres em seus processos e trajetórias de vida, compreendemos que chega um momento na vida dos jovens, principalmente de territórios do interior do país, em que eles/elas precisam dar passos decisivos para enfrentar o novo: A saída desafiante da casa e do seio familiar, para adentrar a vida acadêmica. Assim, iniciam-se os enfrentamentos, as dores e as delícias de ocupar um espaço restrito do Ensino Superior fora de casa, com todas as suas contradições, questões e nuances.

Ingressar em um curso superior é o sonho de muitos jovens, mas também traz inúmeras dúvidas, inseguranças e desafios. Em muitos casos, é preciso mudar de cidade para iniciar essa nova etapa, e posso afirmar que sair da casa dos pais para viver em outro lugar é uma experiência difícil e dolorosa. Como acadêmica, vivi a realidade de ser uma estudante vinda de outro território e trago apontamentos de que esse processo de adaptação e permanência é um momento provocador.

No presente artigo, refletimos acerca de quais desafios são enfrentados pelos estudantes que são de outros territórios ao adentrar o espaço da universidade Federal? O objetivo geral foi analisar quais são os desafios enfrentados pelos estudantes advindos de outros territórios ao ingressarem na UFT, Campus de Arraias-TO. E como objetivos específicos: I) Conhecer a trajetória da pesquisadora e seus desafios; II) Investigar as percepções dos e das estudantes oriundos de outros territórios acerca da experiência acadêmica da UFT campus Arraias; III) Analisar as experiências nas narrativas dos estudantes fora dos seus territórios. Tendo como justificativa a motivação em conhecer e investigar as vivências e experiências dos estudantes advindos de outro território, e trazer elementos para a reflexão das questões relativas aos processos de adaptações dos/das estudantes fora de seus territórios, o principal foco é tomar conhecimento das experiências durante seu período de adaptação, reconhecer de que forma

foram afetados ou não em relação à moradia, questões culturais e ao acolhimento da comunidade arraiana e da comunidade acadêmica.

Pela posição geográfica e analisando o cenário atual da educação em Arraias-TO, é possível observar que a UFT reúne uma diversidade de estudantes de outras localidades, como Novo Alegre, Combinado, Lavandeira, Taguatinga, Paranã, Conceição do Tocantins, Natividade, Cavalcante, Teresina e Monte Alegre, além de alunos oriundos de Brasília e da Bahia. A maioria desses estudantes precisam migrar de suas cidades para morar em Arraias-TO, o que evidencia a importância de políticas de acolhimento e suporte para apoiar a adaptação e permanência desses estudantes em suas trajetórias acadêmicas.

Realizamos uma pesquisa de cunho qualitativo, na qual entrevistamos estudantes oriundos de outros territórios que migraram para Arraias-TO. Estruturamos este artigo seguinte forma: Na Introdução, apresentamos a temática, as questões que cercam o debate, os objetivos e a justificativa. Logo a seguir trazemos a trajetória da estudante até a UFT campus Arraias TO. Após, apresentamos as juventudes em trânsito, com as narrativas dos/das estudantes fora dos seus territórios, juntamente com a fundamentação teórica que busca compreender a história e cultura de um povo, e trato sobre juventudes em trânsito. Diante disso, buscamos analisar as respostas obtidas nas entrevistas, fazendo análise de conteúdo na perspectiva de Bardin 2011 que, ressalta a importância das etapas que consiste em: pré-análise, análise, a exploração do material e interpretação.

CONSTRUINDO UM SONHO: A CAMINHADA DA ESTUDANTE EM BUSCA DO ENSINO SUPERIOR

Sou Ihelen Cristina Cesário de Torres, filha de um casal interiorano do estado de Goiás. Nascida em outubro de 2001, na cidade de Campos Belos, GO; sou natural de Cavalcante, GO; uma cidade pequena com 10.287 habitantes (IBGE 2022), localizada ao norte do estado de Goiás, encontra-se a cerca de 500 km da capital do estado e a 320 km da capital federal. Foi no município de Cavalcante que inicio minha jornada estudantil, desde a pré-escola até o ensino médio.

Como acontece com muitos adolescentes que ingressam no ensino médio, uma das maiores barreiras é enfrentar a tão temida prova do Enem. O medo de não conseguir a aprovação e a pressão familiar, intensificada pelo fato de estarmos nos últimos anos da Educação Básica, geram um turbilhão de emoções. Toda essa carga emocional desestabiliza os jovens, e comigo

não foi diferente. Minha primeira experiência com o Enem foi em 2018, quando participei como treineira. Como era de se esperar, o nervosismo e a ansiedade afetaram de sobremaneira no meu desempenho. No ano seguinte, em 2019, fiz novamente a prova e, mais uma vez, outra decepção, pois os resultados não foram exitosos.

Em 2020, tentando focar para a aprovação, com a abertura das inscrições, estabeleci uma rotina intensa de estudos, determinada a alcançar meus objetivos. Dessa vez mais preparada e confiante, felizmente obtive êxito para a tão sonhada entrada no curso de Pedagogia na Universidade Federal do Tocantins, campus Arraias (2021), pelo Sisu e na ampla concorrência.

Com a aprovação, surgiram novas preocupações: a mudança para uma cidade desconhecida, as dúvidas sobre as escolhas que teriam que ser tomadas e as questões acerca de moradia e adaptação. A busca por um lugar para morar foi exaustiva, enfrentamos desafios com preços altos, bairros distantes e perigosos, e a falta de transporte público ou privado. Aquela experiência inicial foi um choque: um ambiente novo, pessoas desconhecidas e uma avalanche de sentimentos como medo, ansiedade, incertezas e um sentimento de não pertencimento.

Estar longe da família e do conforto de casa foi um grande desafio e, a partir daquele momento, percebi que a vida acadêmica seria muito mais do que apenas uma nova fase. Ela representaria o início de uma jornada de autossuficiência, amadurecimento e superação.

Na universidade, encarar a nova rotina foi trabalhoso. A adaptação ao ritmo dos professores, as atividades, as leituras intensas e a convivência com colegas de diferentes origens e vivências me trouxeram desafios, mas também oportunidade de expandir minha visão de mundo.

Além disso, lidar com as questões emocionais e a saudade de casa tornou os primeiros meses ainda mais desafiadores e torturantes. Contudo, mesmo com todos esses obstáculos, consegui superar algumas dessas questões e tentei ser forte e resiliente, criei novas redes e ciclos de amigos e descobri uma força interior que me impulsionou a seguir, mesmo com um turbilhão de emoções.

A vida universitária, apesar de difícil, me mostrou um mundo de novas possibilidades. Os desafios financeiros e de moradia não desapareceram, mas, com o tempo e a ajuda da minha família, desenvolvi estratégias para lidar melhor com essas adversidades. A busca por apoio, seja da instituição ou de colegas que passaram por situações semelhantes, foi crucial para a minha permanência na universidade.

Cada dia na universidade me lembrava que eu estava ali por vários motivos, e por muitos propósitos, principalmente por uma prestação de contas comigo mesma. Eu me desafiava diariamente a resistir, produzir, libertar e transformar a minha vida e a de todos que me cercam. Aquele espaço era de suma importância para a minha caminhada, bem como para os novos saltos que pretendo dar. A pedagogia, para mim, se tornou não apenas uma possível profissão a seguir, mas um caminho para transformar a minha realidade e a realidade ao meu redor, principalmente pensando nas crianças, jovens, adultos e idosos que, assim como toda população brasileira, filhos e filhas da classe trabalhadora, também enfrentam nos seus percursos de vidas.

ALÉM DAS FRONTEIRAS: PERCURSOS JUVENIS EM TRÂNSITO

Por muitos anos, a juventude foi caracterizada apenas como um momento de transição entre a saída da infância e a entrada na vida adulta. A juventude, de acordo com o Estatuto da Juventude, refere-se ao período de transformação na vida de jovens entre 15 e 29 anos e é repleta de experiências, adaptação e busca por autonomia.

O conceito de juventude é algo complexo e multifacetado; não se trata apenas de um signo atribuído pela sociedade, mas sim uma realidade material e vital, moldada por condições históricas e sociais. Segundo Groppo (2017), que nos traz a reflexão que a juventude é, na sociologia, uma categoria social, pelo fato de fazer parte da estrutura social, de formar um grupo, uma coletividade de sujeitos semelhantes pelo status etário intermediário. Segundo o autor reforça que

Podemos dizer que juventude também é uma representação social, um conjunto de ideias, valores e expectativas atribuídas pela sociedade aos indivíduos nessa fase da vida, em alguns momentos, essas representações sociais podem ser positivas, associando a juventude à vitalidade, energia e potencial transformador, ou negativas, associando-a desvio, irresponsabilidade e imaturidade. (Groppo, 2017. p. 23)

A concepção dialética da condição juvenil compreende a juventude como uma categoria etária, na qual está relacionada a face da socialização. Neste contexto, a juventude tem um papel dentro da sociedade moderna, que é integrar os sujeitos à estrutura social.

Posto isso, a juventude é vista como um período de transformações sociais e pessoais, em que os jovens estão em constante negociação de identidade. Esse processo não ocorre de forma isolada; ele está ligado também às condições econômicas, sociais e culturais que moldam a sociedade. Dessa forma, a juventude em trânsito é compreendida como deslocamento físico e emocional, marcada por um período de transição e transformação na vida dos jovens, que

vivenciam situações de desafios, adaptações e a busca por referencial identitário, bem como por autonomia.

Nessa perspectiva, as autoras nos apontam que,

A quantidade de jovens que sai da casa dos pais para cursar o ensino superior, segundo o IBGE em sua última pesquisa realizada no ano de 2010, chega a 29, 2%. Nesse contexto, 59.665.188 pessoas no Brasil precisam aprender a lidar com questões que possivelmente não lidavam antes, como gestão financeira, gestão doméstica, adaptação a uma nova cidade, distanciamento de familiares, amigos e adaptação à universidade (Borche e Viecili, 2019, p. 02).

Em outras palavras, o que as autoras nos trazem para refletir é que os jovens em trânsito, em especial aqueles que deixaram seu local de origem para buscar educação formal em outros territórios, enfrentam desafios únicos. Esses desafios incluem a adaptação ao novo local, barreiras culturais e econômicas e a falta de redes de apoio. Concomitantemente, isso pode trazer experiências complexas e diversas, como proporcionar uma experiência enriquecedora, que oferece diversas oportunidades de desenvolvimento pessoal e social, além de ampliar a cultura e a percepção de mundo.

Outro fator preponderante que afeta de sobremaneira as questões de ordem moratória, que se referem ao tempo de permissividade social e vital, segundo Erikson (1976) esse tempo,

durante o qual o jovem, através da livre experimentação de papel, desenvolve sua identidade. Cada sociedade e cada cultura institucionalizam uma certa moratória para a maioria dos jovens. Essas moratórias coincidem com aprendizados e aventuras. Pode ser um período de devaneios da imaginação, um período para a vida acadêmica, um período para a abnegação ou extravagâncias. (Erikson, 1976, p. 156-157).

Erikson nos aponta que, de acordo com cada cultura e sociedade, esse tempo de saída pode ser prorrogado ou reduzido conforme a ordem familiar vigente. Esse período na vida do jovem pode ser determinante na construção de sua identidade sociocultural.

Na mesma direção, a pesquisadora de “Juventudes”, (Ribeiro 2021), reforça que a moratória vital é um conceito que se refere à energia, vitalidade e potencial de vida que os jovens possuem em comparação com adultos e idosos. Sendo assim, é nessa fase que os jovens têm a possibilidade de experimentar coisas novas, extrapolar, bem como transgredir. Lembrando que, devido às barreiras sociais, étnica e racial, jovens pretos, periféricos e de classes subalternas possivelmente encontrarão maiores desafios para atravessar esse período sem serem afetados pelas violências urbanas que o cercam, bem como por abordagens policiais

de cunho repressor. Em alguma medida, nesse momento de escolha e afirmando suas identidades socioculturais, outros grupos de jovens partem de casa para os espaços acadêmicos.

Nessa perspectiva, as pesquisadoras Borsche e Viecili, em um artigo publicado no ano de 2019, aplicaram uma entrevista semiestruturada, na qual universitários elencam, em palavras-chaves, como foi a saída de casa para estudar em um novo território. Nessa direção eles indicam que,

Liberdade, responsabilidade, independência, amadurecimento, privacidade são as palavras que demarcam os benefícios. Já para os desafios as frases que demarcam são: ter que se virar sozinho e a saudade. Sendo assim, podemos compreender que sair da casa dos pais para iniciar a graduação é uma mudança desafiadora, porém os jovens criam recursos para uma melhor adaptação com os desafios e benefícios que surgem no processo de autonomia (Borsche e Viecili, 2019, p. 19).

A vida universitária exige maior autonomia e responsabilidade, além das cobranças acadêmicas em conciliar a vida social e gerenciar as atividades domésticas. A necessidade de se virar sozinho nos obriga a desenvolver as capacidades, habilidades e competências para a organização, planejamento e execução da rotina diária pessoal em equilíbrio com a vida acadêmica.

Portanto, nessa perspectiva, os jovens são atravessados pelas moratórias social e vital. Vale reforçar que, atualmente, as juventudes de classes empobrecidas conseguem acessar sua moratória social graças aos programas sociais do governo, como Bolsa Família, o ao crescente acesso a universidades e institutos federais, por meio de políticas públicas que acolheram classes empobrecidas, promovendo o acesso e permanência nos espaços das universidades. Acreditamos que todos esses dispositivos legais contribuem de sobremaneira para o apoio das juventudes em transição.

VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS DA JUVENTUDE ACADÊMICA EM TRÂNSITO

Realizamos entrevistas semiestruturadas com treze (13) jovens acadêmicos fora dos seus territórios de origens, sendo oito (08) mulheres e cinco (05) homens todos em idades de 20 a 40 anos, buscando elementos que ajudassem a compreender os enfrentamentos ao sair de seus lugares de origem para adentrarem na Universidade Federal do Tocantins campus Arraias. Respeitando o anonimato dos respondentes, optamos por utilizar nomes de pássaros dos biomas brasileiros que migram constantemente.

Tabela 01- Significado dos codinomes dos entrevistados

Pesquisados	Nome de pássaros	Características dos pássaros que ajudam a caracterizar os pesquisados
1	Beija-flor	Representa leveza, alegria e a busca pelo néctar da vida. É associado à energia positiva e à capacidade de superar desafios com graça.
2	Sabiá-laranjeira	Símbolo da música, nostalgia e amor à terra natal. É celebrado como o pássaro nacional do Brasil e associado à inspiração poética.
3	Bem-te-vi	Ligado à curiosidade, ao otimismo e à capacidade de perceber o mundo ao redor com clareza e determinação
4	Arara-azul	Representa beleza exótica, liberdade e conexão com a natureza. É um símbolo de biodiversidade e preservação ambiental.
5	Papagaio	Relacionado à comunicação, inteligência e socialização. É conhecido pela capacidade de imitar sons e interagir com humanos
6	Canário	Simboliza alegria, luz e harmonia. Seu canto é associado à felicidade e ao bem-estar.
7	Pardal	Representa resiliência, simplicidade e adaptação. É um pássaro comum, mas cheio de simbolismo sobre viver bem com pouco.
8	Tucano	Simboliza exuberância, comunicação e energia tropical. É visto como um ícone da fauna brasileira e de ambientes vibrantes.
9	Gavião	Associado à força, proteção e visão estratégica. Representa poder e liderança.
10	Coruja	Símbolo universal de sabedoria, mistério e introspecção. Também está associada à visão além das aparências.
11	Andorinha	Representa esperança, renovação e fidelidade. É conhecida por retornar ao mesmo lugar para nidificar.
12	João-de-barro	Simboliza trabalho, determinação e construção. É conhecido por sua habilidade de construir casas resistentes e bem planejadas.
13	Rouxinol	Representa inspiração, sensibilidade e poesia. Seu canto é celebrado por sua beleza e complexidade.

Fonte: elaboração da autora

Para responder às nossas inquietações, entrevistamos esses jovens e abaixo apresentamos algumas de suas narrativas acerca da temática. Aqui apresentamos as falas dos entrevistados. Realizamos uma abordagem qualitativa com ênfase na análise de conteúdo na perspectiva de Bardin (2011). Trouxemos os elementos que dialogam com os desafios e enfrentamentos dos estudantes fora de seus territórios e que ocupam a universidade para a formação no ensino superior:

Tabela 1 - Qual a Principal razão para escolher estudar na Universidade Federal do Tocantins no Câmpus de Arraias?

Nome	Resposta
Beija-Flor	Não foi questão de escolher , porém foi a melhor opção diante de outras possibilidades , caso não fosse ingressar na Universidade Federal do Tocantins UFT eu teria que retornar para o povoado onde morava antes, a principal razão foi buscar melhor qualidade de ensino .
Bem- Te- Vi	Escolhi estudar na Universidade Federal do Tocantins, no Câmpus de Arraias, principalmente porque é perto da minha cidade Combinado-TO, o que me permite estar próximo da minha família. Além disso, sempre tive um grande interesse pela área de licenciatura, pois acredito na importância da educação e no impacto que um bom professor pode ter na vida dos alunos. Também me inspirei muito na minha irmã, que sempre foi uma referência para mim e me motivou a seguir esse caminho. Essa proximidade, tanto geográfica quanto familiar, fez toda a diferença na minha escolha.
Coruja	Por ser a única dos 3 irmãos a concluir o ensino médio e iniciar um curso superior
João-De-Barro	A princípio tentei em universidades próximas a minha casa, porém não deu certo, então fui jogando minha nota do enem em outras universidades, até que deu certo na UFT de Arraias. Não pensei duas vezes e fui realizar meu sonho de ter um ensino superior. O desafio de morar em uma cidade, um estado diferente, foi muito bom. No início é um pouco difícil por não conhecer a cidade, mas rapidinho se acostuma a morar só e desenvolver mais responsabilidades.
Rouxinol	Meu pai foi trabalhar na cidade e após alguns meses estudando na Universidade Estadual do Amazonas, Licenciatura em Língua Portuguesa eu não me identifiquei e decidi desistir. A cidade de Manaus é perigosa e eu tinha sofrido vários assaltos, foi então que meu pai perguntou se eu gostaria de tentar estudar em Arraias que era uma cidade mais tranquila e eu aceitei.

Tabela 2 - Experiência pessoal, acerca da percepção ao entrar na Universidade Federal do Tocantins vindo de outra localidade.

Nome	Resposta
------	----------

Tucano	Tivemos muitas dificuldades de adaptação, devido a falta de informações.
Gavião	Estar em uma federal com certeza é uma grande conquista, não só pra gente mas para nossa família, ter a oportunidade de estudar com professores de formações admiráveis, ou seja, ter a oportunidade de estudar em uma universidade rica em conhecimentos é o que me dava força para aguentar a falta da família que ficou a 400 km de distância, o apoio de alguns professores também é de suma importância citar, na parte emocional como a professora Márcia Cristina Abreu e com as caronas a Brasília com o grande professor e amigo Erasmo Baltazar, essa ponte de discente/docente e um dos fatores da permanência no curso além de busca por uma formação de qualidade.
Coruja	Minha percepção ao entrar na universidade foi de um local onde não era para mim, não tive uma boa recepção, fiquei mais de 1 ano e meio sem ter nenhum contrato social com outras pessoas dentro da Universidade sem ser dentro da sala de aula e mal conhecia quem era o diretor do campus.
Rouxinol	Tive um choque cultural muito forte inicialmente pois a cidade da qual vinha era muito diferente da de Arraias, o linguajar, a cultura, o tratamento das pessoas, que cumprimentavam-nos na rua, tudo isso me surpreendeu, pois em Manaus por ser uma cidade grande era muito diferente. Achei a cidade acolhedora e encantadora, fiquei com um pouco de medo de passar todo o processo sem amigos, pois estava longe dos meus mas logo consegui me enturmar.

Tabela 3 - Desafios enfrentados ao adentrar na universidade.

Nome	Resposta
Coruja	Um dos principais desafios ao adentrar na universidade foi a questão financeira e moradia, mesmo que alguns parentes moravam na cidade não fui acolhida conforme o esperado, morei de favor em casa de terceiros passando dificuldades e vulnerabilidade, agradeço muito as pessoas que me ajudaram. Fiquei quase um ano procurando serviço e não achava, passei a fazer serviços domésticos nas casas de outras pessoas para poder comprar alimentos mesmo que não pagava aluguel, mas tinha as despesas alimentícias que era por minha conta. Não consegui adentrar na casa dos estudantes, pois não sabia que tinha uma casa disponível para alunos ficarem, acredito que se estivesse ciente diminuiria minhas necessidades em relação a moradia e evitaria conflitos vividos, acredito que com minha falta de letramento digital dificultou o acesso sobre essa informação importante. Portanto, fiquei também mais de 2 anos sem auxílio financeiro da universidade, fui reprovada na análise do CUBO 4X e já estava para desistir, na quinta fui aprovada, mas fiquei 6 meses sem receber pois havia perdido o prazo do edital das bolsas justamente por falta da compreensão de todo ambiente virtual acadêmico, e foi no total 2 anos e 6 meses sem auxílio estudantil sobrevivendo de diárias e "bicos".
Canário	Um dos principais desafios foi lidar com as diversidades culturais, adaptar a

	um estilo de vida diferente do que estava acostumada e socializar dentro da cidade e entre outros dentro do curso.
Sabiá-Laranjeira	O aluguel e consumo, aqui em arraías o custo de vida é muito alto, tendo em vista que é uma cidade pequena.
Tucano	Primeiramente, encontrar moradia, sobreviver a um custo de vida muito alto e dificuldade de emprego.

Para dar ênfase ao diálogo e na tentativa de responder os objetivos propostos, além das entrevistas, utilizamos também a metodologia da representação social para saber o que mais inquieta os estudantes na saída de casa para a vida acadêmica fora dos seus territórios de origem.

Na perspectiva de Moscovici (2002) que nos aponta que, a representação social é acima de tudo,

Um sistema de valores, ideias e práticas, com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará para as pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história, individual e social. (MOSCOVICI, 2002, p. 21).

Portanto o autor nos faz refletir acerca da relevância da comunicação para compreendermos como se constroi um sistema de conceitos e valores a partir da fala e da construção do imaginário social.

Pensando assim propomos aos estudantes uma pergunta: o que vem a sua cabeça ao pensar em fazer um curso superior distante do seu lugar de origem? pela frequência das respostas, construímos a nuvem de palavras abaixo:

Figura 01- Nuvem de palavras



Fonte: elaboração autoral

Após o questionamento, constatamos que Desafio foi a palavra mais mencionada, destacando a percepção de dificuldade e esforço necessários para lidar com a situação. Outra palavra bastante mencionada, foi Saudade, o que demonstra o impacto emocional e a falta que os estudantes sentem de suas famílias e locais de origem. Dificuldade reforça as barreiras enfrentadas, mas pode abranger outros aspectos, como a dificuldade de adaptação ao novo ambiente ou aos desafios acadêmicos. A palavra Mudança evidencia a transformação na vida do estudante ao sair de casa. Adaptação demonstra a necessidade de se ajustar à nova realidade, mesmo sendo uma ocorrência menor, demonstra que esse também é um ponto relevante para compreender esse momento de transição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização dessa pesquisa nos mostrou os enfrentamentos que os jovens sofrem ao sair dos seus territórios para adentrar ao espaço restrito da universidade federal. Indagamos por que um espaço de construção do conhecimento científico, precisa ser um espaço de dor, dúvidas e incertezas? Sabemos que a maioria desses jovens são filhos e filhas de uma geração que foi negado ou sucumbido a eles/elas o direito à educação e principalmente o Ensino Superior. Portanto a presença deles/delas nas universidades federais são além de tudo, um desafio geracional, pois prestam contas com um passado histórico de negação ao direito ao ensino público em nível superior à classe trabalhadora e subalterna.

Em seus posicionamentos, os/as estudantes trazem apontamentos relevantes que suscitam as discussões e reflexões deste momento desafiador. Apontam que realmente foi um

momento doloroso, de rupturas, repleto de dificuldades relacionadas à moradia, falta de recursos para sua subsistência, custo de vida local alto, falta de transporte público local para os seus deslocamentos diários, escassez de opções de lazer e trabalho qualificado, mas que reconhecem que foi importante para seu crescimento.

Entre os principais desafios estava lidar com as diversidades culturais e a adaptação a um novo estilo de vida, diferente do que estavam acostumados. Outro fator foram as questões relativas à vida social dentro e fora da universidade, pois encontraram dificuldades em fazer novas amizades e criar laços afetivos que, de alguma maneira, facilitariam o processo de adaptação.

Compreendemos que a Universidade Pública precisa cumprir seu papel e função social, o que, de alguma forma, já faz ao proporcionar a construção e a disseminação do conhecimento e da ciência. No entanto, também precisa ser espaço humanizado de escuta qualificada e olhar sensível aos estudantes de fora de seus territórios, além de criar espaços de acolhimento coletivo, como o restaurante universitário, quadras de esportes, espaços de manifestações artísticas e culturais, salas de acolhida aos estudantes e áreas com profissionais da educação e saúde que trabalham em rede para tratar das questões psicossociais e emocionais (orientadores, psicólogos, psicoterapeutas, psicopedagogos). Outros espaços necessitam de maior representação social e política dos estudantes. Pois ao longo da minha caminhada acadêmica, vi muitos estudantes adoecidos e alguns até desistindo dos seus cursos e voltando para seus locais de origem sem concluir seus percursos acadêmicos.

Acreditamos que esse trabalho cumpre com seus objetivos ao elencar apontamentos importantes para pensarmos em um espaço acadêmico mais acolhedor para estudantes oriundos de outros territórios. Haja vista que um espaço de construção de conhecimento científico contribui de sobremaneira com a Ciência do país e, considerando que somos um mosaico plural étnico, social e racial, as relações dentro da universidade precisam dialogar entre si e com todos e todas, na perspectiva da transformação social e da constante busca, desenvolvimento e emancipação das juventudes em trânsito no Brasil e no mundo.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BORCHE, Natália Consuelo. **As implicações da saída da casa dos pais na vida de jovens universitários**. Psicologia: Florianópolis, 2019.

BRASIL, IBGE 2022 <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/22827-censo-demografico-2022.html> visitado em 20 de dezembro de 2024

ERIKSON, E. **Identidade, juventude e crise**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FREIRE, Paulo, FREIRE, Nita e OLIVEIRA Walter. **Pedagogia da Solidariedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

MOSCOVICI, Serge. Representações Sociais. Brasília,,2002.

RIBEIRO, Silveira. **Juventudes e deficiência: narrativas autobiográficas de jovens mulheres**. (no prelo) UFRGS: Porto Alegre, 2021.

<https://www.uft.edu.br/campus/araias> visitado em 20 de dezembro de 2024.

Submetido em: 15 de janeiro de 2025.

Aprovado em: 12 de abril de 2025.

Publicado em: 02 de maio de 2025.